

samento inteiramente contrário à volta, na atual conjuntura cafeeira, do café do estóque ao comércio internacional.

A venda desse estóque deprimirá o nível atual dos preços, que se mantém em relativa estabilidade graças precisamente a uma política, à base de co-regularização internacional, de restrição e regularização da oferta. Como pensar-se, pois, num momento em que assumimos compromissos restritivos na esfera do comércio externo, no lançamento de cafés que foram retirados do comércio para restabelecimento de uma situação de equilíbrio estatístico?

Esse enorme volume de café só pode ser vendido, em condições não desvantajosas para a produção, em uma conjuntura de escassez.

O primeiro grande erro do I.B.C. foi ter exportado para a Alemanha oriental cerca de 28 mil sacas do café do estóque em permuta por adubo. Essa transação, embora em quantidade insignificante, repercutiu nos preços no mercado de Nova York como fator de baixa.

Pensou-se, em seguida, na exportação de 156 mil sacas para a Turquia. Tomou a Sociedade Rural Brasileira a iniciativa de oposição à essa nova transação. Felizmente, o governo não a levou a termo.

A propalada venda aos países satélites da Rússia de 3 milhões de sacas seria a pior coisa a se fazer. Em primeiro lugar, a capacidade de consumo do café nesses países é insignificante, praticamente inexistente. É claro que não haveria, de forma alguma, absorção nesses mercados de volume tão grande de café. Resultado: a reexportação seria inevitável, ocasionando uma fortíssima inquietação no mercado consumidor e representando fa-

tór incontrolável de depressão dos preços.

Accentuemos, contudo, que não somos contrários a um contacto comercial com os países que desejem comprar nosso café, por razões de carácter político ou de ideologias sociais.

Devemos, através de uma forte propaganda e criação de organismos comerciais na Europa e em outros continentes, ampliar os mercados consumidores existentes e conquistar novos. Não podemos e nem devemos depreciar a capacidade potencial de consumo dos chamados países da «cortina de ferros».

Mas, não podemos de maneira alguma, aceitar o pensamento de que se crie o «hábito do café» em países nos quais a bebida é quase desconhecida, em curto prazo, sem a preparação inteligente de uma longa propaganda.

Ora, nada disso se fez, até aqui, nos países da Europa oriental. Como se admitir pois a possibilidade de absorção por esses países de 3 milhões de sacas?

A se concretizar a transação, podemos afirmar sem receio, praticar-se-á um dos maiores erros, ferindo-se profundamente os interesses da cafeicultura brasileira, e criando-se um ambiente intolérável de suspeição moral em relação aos dirigentes da economia cafeeira do País. — finalizou o sr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque.

A Diretoria da Sociedade Rural Brasileira, recebendo a comunicação do sr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, deliberou entrar em imediato contacto com as autoridades federais, a propósito da denúncia feita no Parlamento Nacional pelos deputados Lincoln Feliciano e Herbert Levy.

O PRIMEIRO ANÚNCIO DE CAFÉ APARECIDO NA IMPRENSA

“A bebida chamada café tem virtudes muito salutares, fecha o orifício do estômago, fortifica a eliminação interior, ajuda a digestão, dá vivacidade aos espíritos, cria alegria no coração e é boa contra a irritação dos olhos, tosses ou resfriamentos, tuberculose, dores de cabeça, hidropsia, gôta, escorbuto e outras coisas mais. Vende-se de manhã e às 3 horas da tarde”.

Tal era o texto do 1.º anúncio de café publicado em todo o mundo. Apareceu no jornal londrino “Publick Advertiser” fez no passado dia 26 de Maio precisamente 300 anos.

(Revista do Café Português — Junho de 1957 — N.º 14).

Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina S/A

Matriz - LONDRINA - PR. - End. Telegr. NOSSOBANCO

AGÊNCIAS:

No Estado do Paraná:

Alto Paraná — Arapongas — Astorga — Bela Vista do Paraizo — Bونسوcesso — Cambé — Jandáia do Sul — Londrina (Matriz) — Nova Esperança — Paranaguá — Paranavai — Sta. Margarida —

No Est. Sta. Catarina:

Blumenau — Florianópolis (Sucursal) — Ibirama — Joinville — Joaçaba

Sucursal em SÃO PAULO — Rua Cap. Salomão, 101 — Telefone 37-6874 — Caixa Postal. 6406

DIRETORIA: Diretor Presidente : DR. ADERBAL RAMOS DA SILVA
» Superint. : HORACIO SABINO COIMBRA
» Gerente : ANNIBAL SIQUEIRA CABRAL
» Adjunto : FRANCISCO ASSIS ANDRADE